

Cultivo de rosas de corte

Tatiani Mayara Galeriani

Bruno Marcos Nunes Cosmo*

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp

Ana Paula Perez Ceccon

Caroline Santana Marchi

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Tamara Thais Mundt

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp

*Correspondência para: brunomcosmo@gmail.com

1. Introdução

A rosa de corte é uma das flores de maior comercialização, sendo uma das mais apreciadas no mundo, a diversidade entre os formatos, cores e aromas a torna única. Caracterizando uma demanda crescente ao longo dos anos. A rosa apresenta múltiplas finalidades, não sendo cultivada apenas para o corte, mas visando também a produção de perfumes, cosméticos e até para uso culinário

A rosa apresenta vínculo com o afeto e romantismo favorecendo sua comercialização ao longo do ano, apresentando picos em datas como Dia das Mães, Dia da Mulher e destaque no Dia dos Namorados. No comércio de flores global, as rosas são destaque crescente, devido à expansão de áreas de produção e a evolução das tecnologias de cultivo e dos sistemas de transporte e logística.

Atualmente a Holanda é líder no mercado mundial de flores de corte, devido a uma série de fatores, entretanto, entre 2003 e 2013, sua participação caiu 6%, enquanto outros países como Equador, Etiópia, Quênia, e Colômbia, vem crescendo no segmento. No Brasil a floricultura está em expansão, sendo que o mercado de flores e plantas ornamentais cresce em torno de 10% ao ano.

2. Caracterização

A rosa pertence à família *Rosaceae*, e estima-se que existam mais de 30 mil variedades. Existem indícios de seu cultivo a 5.000 anos a.C. pelos chineses e egípcios. As rosas modernas descendem de espécies vindas da Ásia. A roseira é uma planta arbustiva, perene, ereta, de caule lenhoso e em geral espinhoso. Nos ramos basais normalmente ocorre a emissão de flores.

A roseira exige temperaturas entre 17° a 26°C, onde a ocorrência de temperaturas altas pode deixar as flores pequenas e pálidas, enquanto as baixas atrasam o crescimento e florescimento. A umidade do ar ideal é de 70 a 75%, podendo se elevar a 90% no período de brotação. Porém, em ambientes protegidos a alta umidade pode provocar doenças como o mofo cinzento (*Botrytis cinera*) e a baixa umidade pode provocar distúrbios fisiológicos.

As roseiras são exigentes em insolação, requerendo grande exposição ao sol, caso esta exposição não ocorra, haverá estiolamento, favorecimento de doenças e conseqüente redução na produção. A roseira moderna é considerada de fotoperíodo neutro, entretanto nota-se maior desenvolvimento em dias longos de verão em relação ao inverno, neste último período também ocorre redução da floração e as flores produzidas são menos interessantes para a comercialização.

3. Informações técnicas

A roseira é uma espécie exigente, e o sucesso do cultivo depende da utilização de diversas técnicas que possibilitaram a produção de hastes florais de qualidade e em quantidade economicamente viável. O cultivo das rosas pode ser realizado em céu aberto ou em ambiente protegido, sendo o último de maior investimento, mas permitindo controle das condições ambientais, proporcionando maior produção e qualidade.

Dentre as cultivares de rosa disponíveis no mercado pode-se citar a Adventure, Avalanche, Bugnat, Carola, El toro, Leônidas, Lipstique 1 e 2, Movistar, Osiana, Vegas, Virgínia, Wow, Dallas, Dolores, Miracle, Racol e Texas.

Com relação a propagação a mesma pode ser realizada por sementes ou estacas, mas devido a dormência, desuniformidade e demora para o florescimento, as sementes não são utilizadas. As plantações comerciais são compostas exclusivamente por mudas providas de estaquia. Neste caso é necessário o uso de auxinas (Ácidos Indolacético, Indolbutírico e Naftalenoacético) via talco nas estacas para estimular seu enraizamento.

Em seguida realiza-se o plantio da estaca de forma a deixar as gemas para fora do substrato, em seguida as estacas são levadas para o local de desenvolvimento. Este local deve ser fechado, apresentando umidade e temperatura elevadas, onde deve-se realizar a aplicação de solução de cobre para evitar doenças, as estacas permanecem por 30 dias neste local para enraizar, posteriormente elas são transplantadas á campo ou em vaso, sendo o transplante ideal entre Abril e Agosto.

Após o processo de estaquia ocorre a realização da enxertia que em geral é realizada por borbulhia em T. O processo consiste na retirada da gema ou borbulha da roseira de enxerto e colocação da mesma em um porta enxerto. Para a realização da enxertia, o ponto ideal do porta enxerto é quando a casca que recobre à estaca se solta com facilidade. O porta enxerto deve ser uma roseira mais rústica, como a *Rosa canina*, *R. chinensis*, *R. indica* ou *R. multiflora*.

3.1. Manejos Culturais

3.1.1. Preparo do Solo: Escolha criteriosa do local, que deve ser ensolarado, ventilado, (mas sem ventos fortes), de solo argiloso, bem drenado fértil. Recomenda-se a análise de solo e a correção do pH para 5,5 a 6,0.

3.1.2. Plantio: Deve ser realizado entre Setembro a Março, podendo ser realizado diretamente no solo em covas de 0,15 a 0,30 m de profundidade, disposto em fileiras simples ou duplas com espaçamentos entre 0,08 a 0,4 m entre plantas e 1,4 a 1,8 m entre fileiras, ou em recipientes com 4 a 6 plantas.

3.1.3. Poda de Formação: Inicia quando as mudas têm um mês e já estão enraizadas, podendo ser realizada até as plantas estarem com estrutura adequada para produção de hastes florais comerciais. Visa estimular a brotação e floração, cortando-se os ramos principais a 0,4 m do solo, após alguns dias corta-se as brotações secundárias destes a 0,2 m dele selecionando-se dois a três ramos, dos quais saíram as hastes florais para o comércio.

3.1.4. Poda de Manutenção: Consiste na retirada de ramos improdutivos, inadequados e doentes.

3.1.5. Agobio: Ou dobra japonesa, é a condução da roseira sem poda, os únicos ramos retirados são os comercializados. Esta técnica permite a produção de hastes com botão floral maior, entretanto nem todas as cultivares adaptam-se a ela. Nela a haste mais velha e dobrada rente ao solo sem ser quebrada, essa torção chamada Shoot induz a emergência de gemas laterais, com brotos mais vigorosos. Todos os ramos, com exceção dos destinados ao comércio são dobrados. Está prática deve ser realizada diariamente.

3.1.6. Desbrota: Retirada de brotos que crescem na haste floral e próximos ao botão, deve ser realizada diariamente.

3.1.7. Proteção dos Botões florais: Uso de redes de polietileno ou redinhas, colocadas individualmente nos botões, quando estes têm o tamanho de uma azeitona e as pétalas começam a corar. Está prática reduz os danos mecânicos, evita a abertura precoce do botão, além de aumentar seu tamanho em até 25 %.

3.1.8. Retirada de Ramos Ladrões: Retirada dos ramos que brotam do porta enxerto, que podem levar a morte do enxerto.

- 3.1.9. Irrigação: Indispensável, o melhor sistema para roseira é o gotejamento.
- 3.1.10. Adubação: Com base na análise de solo, atentar-se para problemas de salinização.
- 3.1.11. Manejo de Plantas Daninhas: Periódico, sugere-se o uso de cobertura morta.
- 3.1.12. Manejo de Pragas: As principais são o ácaro rajado, tripses, pulgões, mosca branca, abelha irapuá, vaquinha, lagartas e formigas, recomenda-se o monitoramento e a utilização de controle químico aliado ao biológico.
- 3.1.13. Manejo de Doenças: As principais são oídio, míldio, pinta preta e mofo cinzento, recomenda-se evitar o adensamento, umidade elevada e retirar partes doentes da planta, uso de materiais resistentes e o controle químico.
- 3.1.14. Colheita: Está etapa afeta a qualidade e durabilidade das flores. Deve ser realizada nos horários mais frescos do dia, dando preferência para o estágio de botão, para prolongar a vida útil e o armazenamento. O corte do botão deve ser realizado a partir da 4ª gema.
- 3.1.15. Pós-Colheita: Após o corte as hastes da rosa são imersas em recipiente com água para não desidratar, durante o embalamento deve ser realizada a limpeza e classificação.
- 3.1.16. Classificação: Realizada segundo os critérios da Cooperativa Veiling Holambra, que referem-se ao comprimento e espessura da haste, tamanho do botão floral, ponto de abertura e a presença ou não de defeitos.

3.2. Embalagem e Comércio

Após a classificação, a próxima etapa é a embalagem. O tipo de embalagem depende da distância do transporte. As hastes de flores podem ser embaladas juntas no mesmo pacote ou num rocambole. Após esta etapa, as rosas podem ser encaminhadas para o transporte e/ou armazenamento a baixas temperaturas.

Para o transporte as hastes devem ser imersas em água com temperatura e umidade controlada. O armazenamento deve ser em solução de condicionamento e sempre em baixas temperaturas, evitando a abertura floral e a senescência das pétalas.

Referências

- Almeida EFA et al. (2012) Produção de rosas de qualidade
- Andrade PFS (2016) Análise da conjuntura agropecuária safra 2015/2015: Floricultura
- Junkes S (1995) Cultivando roseiras
- Marreiros EO (2010) Influência de substratos no enraizamento das estacas e na produtividade da roseira
- Oliveira ED (2012) Irrigação da roseira cultivada em sistema de produção integrada: Viabilidade técnica e econômica
- Oliveira EC et al. (2016) Rendimento de rosas cultivadas em ambiente protegido sob diferentes níveis de irrigação
- Petry C et al. (2008) Plantas ornamentais: Aspectos de produção
- Pietro D (2009) Fisiologia pós-colheita de rosas cortadas cv. Vega.
- Santos NC; Elidiane K (2014) Propagação de rosa
- Severino CAM (2007) Cultivo de rosas de corte em ambiente protegido no semi-árido
- Silva NO et al. (2014) Emissão de gemas em diferentes comprimentos de estacas de roseira e hibisco em função da atividade hormonal do extrato de tiririca
- Soccol JJ (2013) Rosas, orquídeas, hortênsias e campânula - Pesquisas e possibilidades de inovação avaliadas em Lages - SC e em Arujá - SP

Publicação Independente

LabMATO
laboratório de metalurgia
Unesp - Jaboticabal

© Autores

Licença Creative Commons Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional
